

HANNAH ARENDT E A ÉTICA DO PENSAR: UMA POSSIBILIDADE PARA EVITAR O MAL?

SCHUTZ, Jenerton Arlan¹

Resumo: O presente artigo, tematiza a existência de uma ética contemporânea presente no pensamento de Hannah Arendt. Do mesmo modo, procura-se investigar se a faculdade do pensar possui relação intrínseca ao não cometer o mal. Embora as preocupações de Arendt estejam centradas nas atividades fundamentais do homem, é possível constituir uma garantia da ética, principalmente, no momento em que o indivíduo passa a agir em desconformidade frente às normas jurídicas e sociais que predominam na sociedade. Assim, pensar o mal de forma não ontologizante², permite considerar que a atividade do pensar funciona como uma garantia da ética, essencialmente em momentos de crise e nos momentos em que é necessário decidir e agir de forma coerente, principalmente, quando não se cumpre o que foi acordado socialmente.

Palavras-chave: Ética. Mal. Pensar.

Abstract: This article studies the existence of a contemporary ethics present in the thought of Hannah Arendt. Likewise, it seeks to investigate whether the faculty of thinking has intrinsic relationship to not commit evil. Although Arendt's concerns are centered on the fundamental activities of man, it is possible to provide a guarantee of ethics, especially at a time when the individual begins to act in disagreement face of legal and social norms that prevail in society. So, thinking evil in a not ontologizante way permits to suggest that the activity of thinking acts as a guarantee of ethics, mainly in times of crisis and in times when it is necessary to decide and act consistently, especially when is not fulfilled what was agreed socially.

Keywords: Ethics. Evil. Thinking.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para evidenciar uma ética em Hannah Arendt (1906 – 1975) é necessário apresentar as suas reflexões sobre as condições que fazem o homem se relacionar consigo mesmo, com os outros e também com o mundo. Cabe ressaltar que, Arendt não desenvolveu nenhum tratado ético com fórmulas e soluções para o agir humano.

O que propomos aqui, é analisar as experiências vivenciadas por Arendt (totalitarismo e o caso de Eichmann), e, que provocam uma mudança fundamental no seu pensamento, o

¹ Mestrando em Educação nas Ciências –Unijuí- Professor da Educação Básica no estado de Santa Catarina. jenerton.xitz@hotmail.com

² No *heideggerianismo*, reflexão a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências [Opõe-se à tradição metafísica que, em sua orientação teológica, teria transformado o ser em geral num mero ente com atributos divinos.].

que ela denomina de *cura posterior*. As experiências levam Arendt a acreditar que exista uma relação entre a atividade do pensar e a prática do mal.

A partir disso, algumas questões se colocam: O que a autora compreendia por pensar? Poderia esse pensar evitar a prática do mal? Assim, pensar o mal de forma não ontologizante, permite considerar que a atividade do pensar funciona como uma garantia da ética, essencialmente em momentos de crise e nos momentos em que é necessário decidir e agir de forma coerente, principalmente, quando não se cumpre o que foi acordado socialmente.

A atividade do pensar é uma atividade que não tem fim e nos instiga a continuar a busca de respostas para questões que só podem receber respostas provisórias, porém, essa busca esta intrinsecamente relacionada a nossa capacidade de assumir a responsabilidade pelo mundo, pois, só assim ele poderá ser a nossa casa e deixar de ser um lugar inóspito.

A seguir, passaremos a discutir como a mudança na interpretação do fenômeno do mal presente na obra da pensadora representou um passo determinante no decorrer do seu desenvolvimento teórico para a concepção de uma ética que perpassa a atividade do pensar.

2 PODEMOS NOS ABSTER DA PRÁTICA DO MAL?

“Qual é o objeto de nosso pensar? A experiência. Nada mais! E se perdermos o solo da experiência, então nos deparamos com todo tipo de teorias”. (Hannah Arendt)

A epígrafe mostra um aspecto essencial do conceito de pensamento para a autora, mas, ao mesmo tempo, nos apresenta a forma de pensar³ e a própria trajetória da autora. A triste experiência que Hannah Arendt teve com os regimes totalitários⁴, que procuravam suprir a liberdade e as identidades das pessoas, não fez com que ela desistisse de pensar e procurar novos caminhos para um mundo que consiga garantir fundamentalmente a manifestação da liberdade humana.

Um momento que marca a sua vida é a experiência com os regimes totalitários e principalmente a indignação com os intelectuais alemães, entre eles Heidegger, que não se posicionou contra o regime Nazista, e se não fosse o suficiente, ele e vários outros intelectuais ainda produziram teorias extraordinárias sobre a ideologia nacional-socialista. Isso foi

³ No prólogo do livro *A condição humana*, Arendt (2010, p.6), aponta que: “O que proponho, [...] é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo.”

⁴ O regime totalitário, que serviu de pano de fundo para as reflexões de Arendt, realizou de modo extremo a separação entre *pensamento* e esse *agir consciente*, perpetuando assim, uma ideologia que afasta o sujeito da própria realidade.

assustador para Arendt, pois mostrou o quanto é capaz um pensamento que despreza as experiências reais.

Na entrevista concedida em 1964⁵, ela apresenta os intelectuais que se “uniformizaram” (*sich gleichgeschaltet haben*) diante o regime de Hitler, [...] a respeito de Hitler ele tiveram ideias: em parte, coisas extremamente interessantes. Muito fantásticas e interessantes [...] e coisas que ficam muito acima do nível comum. Pra mim, isso era grotesco (ARENDR, 1976 apud ALMEIDA, 2011, p.148).

Na mesma ocasião, Arendt (1993, p.5) se recusa a ser chamada de filósofa, pois,

Minha profissão, se é que se pode chamar assim, é a teoria política [...] Para mim, o importante é compreender. Escrever é uma questão de procurar essa compreensão [...] o importante é o processo de pensar. Se consigo expressar de modo razoável meu processo de pensamento por escrito, isso me deixa satisfeita.

Arendt dedica-se na última fase de sua vida – mais preciso na década de 1970 – a um tema filosófico denominado de: as faculdades do espírito, atividades realizadas no momento em que se está só e que são invisíveis aos olhos do mundo.

Em 1961 Arendt assiste ao julgamento de Adolf Eichmann, nazista que foi um dos principais responsáveis pela “solução final”⁶. Hannah Arendt é enviada pela revista New Yorker para acompanhar esse julgamento e, escreve um relatório que posteriormente é publicado como livro, denominado *Eichmann em Jerusalém*. E, a partir desse momento, Arendt volta seu olhar ao ser humano no singular, mas sem se esquecer que ele existe sob condição de pluralidade. “É no momento em que se chega ao indivíduo, e a pergunta a ser feita não é mais: Como esse sistema funciona?, mas: Por que o réu se tornou funcionário dessa organização?” (ARENDR, 2004, p.121).

No decorrer do julgamento, Arendt se indaga como um ser humano pôde ser capaz de cometer tais monstruosidades. Ela se surpreende por Eichmann ser uma pessoa comum. Para a Arendt (2004) não havia maldade naquela pessoa e que apenas tinha cumprido sua função. Mas, o que realmente chamou a atenção de Arendt, foi a incapacidade de Eichmann refletir sobre o acontecido e de pensar sobre o significado de seus atos.⁷

Tudo isso leva Arendt (1993, p. 6-7) a se perguntar:

⁵ Entrevista com Günter Gaus, no programa TV alemã *Zur Person* (Sobre a pessoa), publicada com o título, O que permanece? Permanece a língua materna (ARENDR, 1976).

⁶ Termo nazista que se referia ao extermínio dos judeus.

⁷ Ainda em relação aos nazistas, para cometer atrocidades, foram capazes de aplicar tecnologias e conhecimentos avançados, ou mesmo produzir conhecimentos novos, mas foram incapazes de refletir sobre aquilo que estavam fazendo (ALMEIDA, 2011).

Será possível que o *problema do bem e do mal* [...] esteja conectado com a nossa faculdade de pensar? [...] seria possível que a atividade do pensamento como tal [...] estivesse dentre as condições que levam os homens a se absterem de fazer o mal, ou mesmo que ela realmente os “condicione” contra ele? (grifo nosso).

A partir da experiência com Eichmann, podemos perceber que, apesar o pensamento se localizar fora do mundo, ele é fundamental para a nossa ação no mundo, assim, o olhar e a preocupação da autora se voltam para as atividades do espírito. E, uma das principais preocupações da autora se refere a essa atividade do pensamento, que é exercida em um distanciamento do mundo, mas ao mesmo tempo precisa assumir a responsabilidade por ele e se relacionar com ele. Assim, como respondemos ao mundo não só “a partir das nossas ações, mas também em nossa reflexão?” (ALMEIDA, 2011, p.151).

Eichmann, nesse caso, é um ótimo exemplo de um indivíduo que desiste de compreender as motivações e/ou o sentido de suas ações frente ao mundo, pois, não pensar é também negar a responsabilidade dos seus atos e, é justamente nesse momento, em que não buscamos refletir sobre o mal é que o fazemos. Cabe ressaltar que, a autora não acredita que em cada um de nós exista um Eichmann, porém, suas características é que se multiplicariam em sociedades de massa, inclinadas ao não exercício do pensamento e à falta de profundidade.

Arendt busca fundamentar essa ligação entre o não pensar e a prática do mal a partir de Sócrates, na qual:

[...] a única coisa que Sócrates tinha a dizer sobre a conexão entre o mal e a ausência do pensamento é que as pessoas que não ama a beleza, a justiça e a sabedoria são incapazes de pensar, enquanto que, [...] aqueles que amam a investigação e, assim, ‘fazem filosofia’ são incapazes de fazer o mal (ARENDT, 1993, p.179).

Para a autora, é necessário se distanciar temporariamente do mundo e dos outros para permanecer, por um momento na presença de nós mesmos, essa é a atividade do pensar. A retirada do mundo das aparências é essencial para o pensamento (ARENDT, 1993). O pensar parte da experiência concreta, mas necessita distanciar-se da experiência para submetê-la à reflexão, ou segundo Arendt, precisamos “parar para pensar”⁸.

⁸ “Nunca um homem está mais ativo do que quando nada faz, nunca está menos só do que quando a sós consigo mesmo” (ARENDT, 1993, p.5). Cabe aqui ainda a relação com os regimes totalitários, os quais, não pensaram, já que não pararam para se perguntar sobre o sentido e o significado do que estavam fazendo, isso para com as vítimas e com o mundo.

No momento em que estamos sozinhos⁹, é possível exercer um diálogo entre eu e eu mesmo (ARENDT, 1993), esse modo de nos retirarmos do mundo, diz respeito à “condição paradoxal de um ser vivo que [...] tem [...] a habilidade de pensar, que permite ao espírito retirar-se do mundo, sem jamais poder deixá-lo ou transcendê-lo” (ARENDT, 1993, p.36). Portanto, irradiar-se-ia do mundo a fim de munir o indivíduo da capacidade de distinguir o que é bem e o que é mal.

O mal para Arendt, compreendido assim também por Kant, não tem um estatuto imediatamente ontológico, mas se constitui na “carência do pensamento”, numa ausência, no vazio. Assim, o pensar é a retirada do mundo das aparências e a reflexão sobre o significado das coisas que cercam o indivíduo, seria essa, uma condição fundamental para se resistir ao mal. Resistimos ao mal, pois nós mesmos paramos para pensar, a fim de, alcançar outra dimensão que ultrapasse o horizonte da vida cotidiana, ou seja, quanto mais superficial o indivíduo é, mais susceptível ele estará para praticar o mal.

O pensar é o que nos permite buscar significados e sentidos, para qual em outras esferas de nossa existência não é possível, ou não temos espaço e nem tempo. Nossa capacidade de relacionamento com os demais e a possibilidade de assumirmos a responsabilidade por aquilo que nos é comum, depende da nossa retirada temporária do mundo e do encontro com nós mesmos, ainda que isso não ocorra de forma imediata. Portanto, distanciamos-nos do mundo para buscar a compreensão da nossa experiência nele, lembramos os acontecidos e perguntamos qual é o sentido de tudo isso.

O sentido dos acontecimentos não nos é simplesmente informado, mas ele surge no momento em que começamos a pensar sobre ele, no momento em que nos distanciamos do mundo para entrarmos em relação conosco mesmos. Portanto, o próprio sentido é humano e não abstrai das pessoas. Precisamos compreender que todo acontecimento deve remeter a outros acontecimentos e só pode tornar-se esclarecido/esclarecedor numa intercomunicação de acontecimentos, iniciando pela atividade do pensar.

Para Almeida (2011, p.155),

Qual seria a importância dessa faculdade do espírito que não é (apenas) um meio para produzir ou adquirir conhecimentos e habilidades, nem planejar ações e que não produz resultados diretamente úteis para nosso dia a dia e que, apesar disso, é constitutiva para nós enquanto seres humanos?

⁹ “Sempre que pensamos, interrompemos qualquer outra coisa que poderíamos estar fazendo [...]” (ARENDT, 2004, p.170). A autora diferencia o estar só (apesar de estar sozinho, estou na companhia de mim mesmo), da solidão (experiência de abandono, o que foi a essência do totalitarismo) (ARENDT, 2004).

Para essa pergunta, Arendt nos apresenta uma resposta clara: a importância do pensar não reside nos resultados que produz, mas na própria atividade do pensar.

[...] a necessidade de pensar jamais pode ser satisfeita por *insights*¹⁰ supostamente preciosos de ‘homens sábios’. Essa necessidade só pode ser satisfeita pelo próprio pensamento, e os pensamentos que ontem tive irão satisfazer essa necessidade, hoje, apenas porque quero e porque sou capaz de pensá-los novamente (ARENDT, 1993, p.69).

Ainda para a autora, o pensamento seria como o mito de Penélope, na qual, “O pensamento é como a teia [...], desfaz-se toda manhã o que se terminou de fazer na noite anterior” (ARENDT, 1993, p.69). É o pensar que para Arendt importa mais do que os pensamentos, a atividade é mais importante que os resultados. Sabemos que a atividade do pensar é invisível e seus resultados visíveis, embora mostrem algo do pensar, não são iguais à atividade que antecede esse resultado. O movimento do pensamento, ou seja, a necessidade de descongelar o que foi congelado, se opõe à verdade, pois a verdade faz parar o pensamento enquanto atividade pura. Assim, Kant (apud ARENDT, 1993, p.68-69) disse que: “Não compartilho da opinião segundo a qual [...], depois que se está convencido de alguma coisa, não se pode duvidar dela. Na filosofia pura isto é impossível. Nosso espírito tem uma aversão natural a isso”.

Cabe ressaltar que, o pensamento não se iguala à lógica e, também não tem a ver com a inteligência. E isso leva Arendt a constatar que podem haver pessoas (muito) inteligentes e que não pensam. Grosso modo, as atrocidades cometidas, por exemplo, pelos nazistas, que foram capazes de inventar/produzir inúmeras coisas, porém foram incapazes de refletir sobre o sentido de seus atos e também não indagaram sobre o que tudo isso significava para a humanidade – vítimas, mundo e os lugares da convivência no plural. Aqui podemos fazer a relação também do pensar com os conhecimentos, habilidades, ciência e tecnologia, que, necessitam ser submetidos às reflexões, e à pergunta por seu sentido e/ou significado para o mundo.

Buscar compreender essa experiência do pensar, escondida por trás de seus resultados é um dos caminhos que Arendt busca escolher para abordar essa atividade que é invisível. O problema, porém reside no fato de “que poucos pensadores nos disseram o que os fez pensar, e um número ainda menor se deu ao trabalho de descrever e examinar a sua experiência de pensar” (ARENDT, 2004, p.236).

¹⁰ Seriam subprodutos incidentais do próprio pensamento.

Arendt busca investigar o que fez essas pessoas pensarem? Qual era a relação do pensar com o mundo? Entre os pensadores, estão aqueles que conviveram com a autora, como seus professores Heidegger e Jaspers, mas também Platão, Kant e principalmente Sócrates. Temos por um lado, experiências da atividade do pensar de forma mais dialógica e com ligação ao mundo (Sócrates e Jaspers), pelo outro, experiências do pensar na singularidade, como Heidegger e Platão.

Para Arendt, não teria uma atividade de pensamento sem um suposto diálogo, pois,

[...] todas as necessidades humanas, a “necessidade da razão” é a única que jamais poderia ser adequadamente satisfeita sem o pensamento discursivo; e o pensamento discursivo é inconcebível sem palavras já significativas, antes que um espírito viaje, por assim dizer, através delas – *poreuesthai dia logon* (Platão). A linguagem sem dúvida serve também para a comunicação entre os homens; mas, aí, sua necessidade vem simplesmente do fato que os homens, seres pensantes que são, têm a necessidade de comunicar seus pensamentos; os pensamentos, para acontecer, não precisam ser comunicados; mas não podem acontecer sem ser falados – silenciosa ou sonoramente, em um diálogo, conforme o caso (Arendt, 1993, p. 99).

A ideia de pensar dialogicamente parece algo importante, porém, Arendt afirma também, que só se pensa estando só. Em Platão e Heidegger, encontramos a aproximação para com a atividade espiritual, mas ambos estão dispostos a não expor seu pensamento “à pluralidade de opiniões e experiências” (ALMEIDA, 2011, p.160).

Contudo, Arendt (2003) não se inspira apenas nesses filósofos para investigar a atividade do pensar, em seu livro *Homens em tempos sombrios*, ela apresenta sujeitos que considera exemplo do que seria pensar e agir, escritores, narradores e poetas como, Wystan H. Auden, Bertold Brecht, Tania Blixen e Lessing, e Walter Benjamin.

Todas as pessoas, em princípio tem a capacidade de pensar, essa reflexão não depende de conhecimentos, aptidões, inteligência ou alguma instrução, ocorrendo em todas as ciências ou no ensino. O pensar assim ocorre na vida diária de qualquer um.

O pensamento [...] pode surgir a partir de qualquer ocorrência; está presente quando eu, depois de observar um incidente na rua ou me ver implicada em alguma ocorrência, começo [...] a considerar o que aconteceu, contando o fato a mim mesmo como uma espécie de história, preparando-o [...] para sua subsequente comunicação aos outros, e assim por diante (ARENDR, 2004, p.158).

Nesse sentido, Arendt (2004) se pergunta para onde nos voltamos quando buscamos as experiências do pensar? Ou ainda, o “todo mundo”, de quem exigimos a atividade do pensar, não escreve livros e tem coisas mais urgentes para fazer. Nesse momento, seu olhar recai

sobre Sócrates¹¹, no momento em que lhe faltam testemunhos, e ele diferente de outros pensadores, seria um modelo de pensador, pois não desejava transmitir respostas, mas procurava “[...] compreender o mundo e queria fazer pensar” (ALMEIDA, 2011, p.162).

Ainda sobre Sócrates, Arendt (2004, p.236) mostra que o fato dele,

[...] nunca tenha experimentado formular uma doutrina que pudesse ser ensinada ou aprendida. [...] proponho usar como nosso modelo um homem que realmente tenha pensado sem se tornar um filósofo, um cidadão entre os cidadãos, alguém que não tenha feito ou reivindicado nada além daquilo que, na sua opinião, todo cidadão devesse fazer e tivesse direito a reivindicar. Vocês terão adivinhado que pretendo falar de Sócrates.

Assim, há um princípio ao qual Arendt não abre mão: o ato de refletir sobre as experiências. O pensar é “vivo quando delas se alimenta, e morto quando começa a girar apenas em torno de si mesmo” (ALMEIDA, 2011, p.164). Portanto, o que os mais diversos “modelos” de pensamentos tiveram em comum é justamente a procura de compreender o significado de nossas experiências.

Uma atividade que não tem um fim e que nos instiga a prosseguir a procurar respostas para as questões que só podemos receber respostas provisórias. Mas, essa busca está ligada a nossa capacidade de assumirmos a responsabilidade pelo mundo, pois, somente quando o mundo onde nós estamos e tudo o que acontece nele faz algum sentido para nós, ele deixa de ser um lugar inóspito e passa a ser a nossa casa, que precisa de nós para ser organizada, transformada, reformada e conservada.

Ademais, as notícias e informações que recebemos – sejam novas ou velhas-, nos provocam a repensar as opiniões que previamente estabelecemos. Afinal, quando pensamos, estamos refletindo sobre um assunto, que muitas vezes, necessitamos primeiramente tomar conhecimento. Assim, pensar sobre o mundo é também refletir sobre os conhecimentos que fazer parte dele.

A atividade do pensar nos faz despertar do sono da irreflexão, tirar nossas opiniões vazias e irrefletidas, para indagar-se e admirar-se com o início de um diálogo interno. Assim, pensar é fazer lembrar e buscar a reconciliação, é por meio dele que aceitamos que o mundo está “fora dos eixos”, que é *nosso* e que, portanto, nós somos responsáveis por ele e por nós, isto é, precisamos constantemente consertá-lo e renová-lo.

¹¹ Em seus diálogos é possível comprovar que o pensamento não produz resultados, além de não nos apresentar nenhum saber que se possa acumular. O que o pensamento faz é, questionar, analisar e perpassa cada coisa, seja um fato ou uma pessoa que se apresenta diante de nós, porém toda esta atividade não nos deixa nenhum resultado.

Portanto, o pensamento é o alicerce para um agir ético no mundo e viver com responsabilidade em um mundo comum. Tudo aquilo “[...] que impede o pensar é, portanto, pernicioso para a *vita activa*, pois abafa o impacto do sopro do pensamento no mundos das aparências” (LAFER, 2003, p.84). A própria autora aponta que, “se há algo no pensamento que possa impedir os homens de fazer o mal, esse algo seria, provavelmente, alguma propriedade inerente à própria atividade, independente de seus objetos” (ARENDT, 1993, p.135), grosso modo, “[...] uma vida sem pensamento seria sem sentido” (ARENDT, 1993, p.124).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma ética em Hannah Arendt, não condiz com condutas ou normas determinadas pela imutabilidade, fora do sujeito, pois, é no seu íntimo – através do pensamento-, que as práticas/ações com os demais indivíduos possuem um significado. Do mesmo modo, é a partir do pensamento que agimos com responsabilidade diante do mundo, de modo a abster-se de todo o mal que corrompe o espaço público e a liberdade do ser humano.

Eichmann é um excelente exemplo do retrato do homem contemporâneo, que está preso às necessidades, não possui motivações, carece da atividade moral e ainda da capacidade política. Porém, todas essas limitações podem ser superadas, a partir da possibilidade de pensar, e de agir na ética da responsabilidade pessoal, na qual cada sujeito avalia as suas ações.

No momento em que os procedimentos tradicionais que garantem a ética não são mais efetivados, é a atividade do pensar que entra em cena, impedindo as ações que seriam eticamente reprováveis e depositando no pensar uma tarefa hercúlea.

Portanto, o pensar é fundamental para a nossa ação no mundo, assim, o olhar e a preocupação da autora se voltam para as atividades do espírito. E, uma das principais preocupações da autora se refere a essa atividade do pensamento, que é exercida em um distanciamento do mundo, mas ao mesmo tempo precisa assumir a responsabilidade por ele e se relacionar com ele. Ser humanos que somos, sempre fomos pensantes.

Assim, temos uma inclinação para pensar para além dos limites do conhecimento, e fazer disso, mais do que um instrumento para conhecer e agir. Pensar, é um desafio que não possui um fim, pois examina os acontecimentos recentes e retoma aquilo que já foi pensado à luz das novas experiências. É na atividade do pensar, no pensamento, que reside nossa

salvação, o pensar só existe/vive no e pelo (re)pensamento permanente, uma reflexão permanente.

É uma tarefa difícil, ela necessita a tomada de uma consciência permanente do problema dos limites e também de tarefas cegas inerentes ao pensamento. Implica, portanto, em uma luta permanente pela busca de sentido e significado. Grosso modo, quando não há mais um sentido preestabelecido, é a atividade do pensar, ou seja, a nossa capacidade de encontrar um sentido que deve prevalecer e pensar como se nunca alguém tivesse pensado antes. O pensar pode não estar preocupado com a nossa ação futura, mas pode se ocupar com aquilo que já aconteceu, é nesse instante, que estamos com nós mesmos, é que devemos nos perguntar, responder e responsabilizar perante nós mesmos e não frente aos outros. Assim, a capacidade que assumimos de (cor)responder ao mundo e também as exigências está conexas à nossa disposição de responder e prestar contas a nós mesmos.

Ademais, não encontramos aqui uma teoria acabada sobre a atividade do pensar e sua relação com a prática do mal e o agir ético, mas, sobretudo, reflexões, perguntas e ponderações incansáveis sobre possíveis respostas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação em Hannah Arendt**: entre o mundo deserto e o amor ao mundo. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENDT, H. **Responsabilidade e julgamento**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Edição de Jerome Kohn. Revisão técnica de Bethânia Assy e André Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **A vida do espírito**. Tradução de Antônio Abranches e Helena Martins. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Ed. UFRJ, 1993.

_____. **Homens em tempos sombrios**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. Was bleibt? Es bleibt die Muttersprache. In: REIF, Adalbert (Hg.). **Gespräche mit Hannah Arendt**. München: Piper, 1976.

_____. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10.ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LAFER, C. **Hannah Arendt**: pensamento, persuasão e poder. São Paulo, Paz e Terra, 2003.